

To make Medium work, we log user data. By using Medium, you agree to our [Privacy Policy](#), including cookie policy.



Isabel Cristina Mateus

Dec 20, 2019 · 10 min read

Transfigurar a Fome ou o sentimento duma ocidental





A Transfiguração da Fome de Sara F. Costa, publicado pela editora Labirinto em 2018, foi a obra vencedora em Maio de 2019 do Prémio Literário Glória de Sant'Ana para o melhor livro de poesia em língua portuguesa. Um prémio de perfil internacional, aberto ao mundo lusófono, que desde 2013 distinguiu autores como o moçambicano Eduardo White (2013), a portuguesa Gisela Ramos Rosa (em 2014 e 2018), o galego Mário Herrero Valeiro (2015), os portugueses Samuel Pimenta (2016) e Maria João Cantinho (2017). Só por este motivo, a obra de Sara F. Costa mereceria já algum destaque. Mais ainda quando este Prémio é atribuído a alguém que, pertencendo a uma novíssima geração de poetas portugueses surgidos neste novo milénio, tem vindo progressivamente a afirmar-se no panorama das letras em língua portuguesa: *A Melancolia das Mãos e Outros Rasgos* (Ed. Pé de Página, 2003); *Uma Devastação Inteligente* (Atelier Editorial, Prémio Literário João da Silva Correia, 2007); *O Sono Extenso* (Âncora Editora, 2012) e *O Movimento Impróprio do Mundo* (Âncora Editora, 2016) dão conta de um percurso que *A Transfiguração da Fome* vem confirmar. Um percurso poético

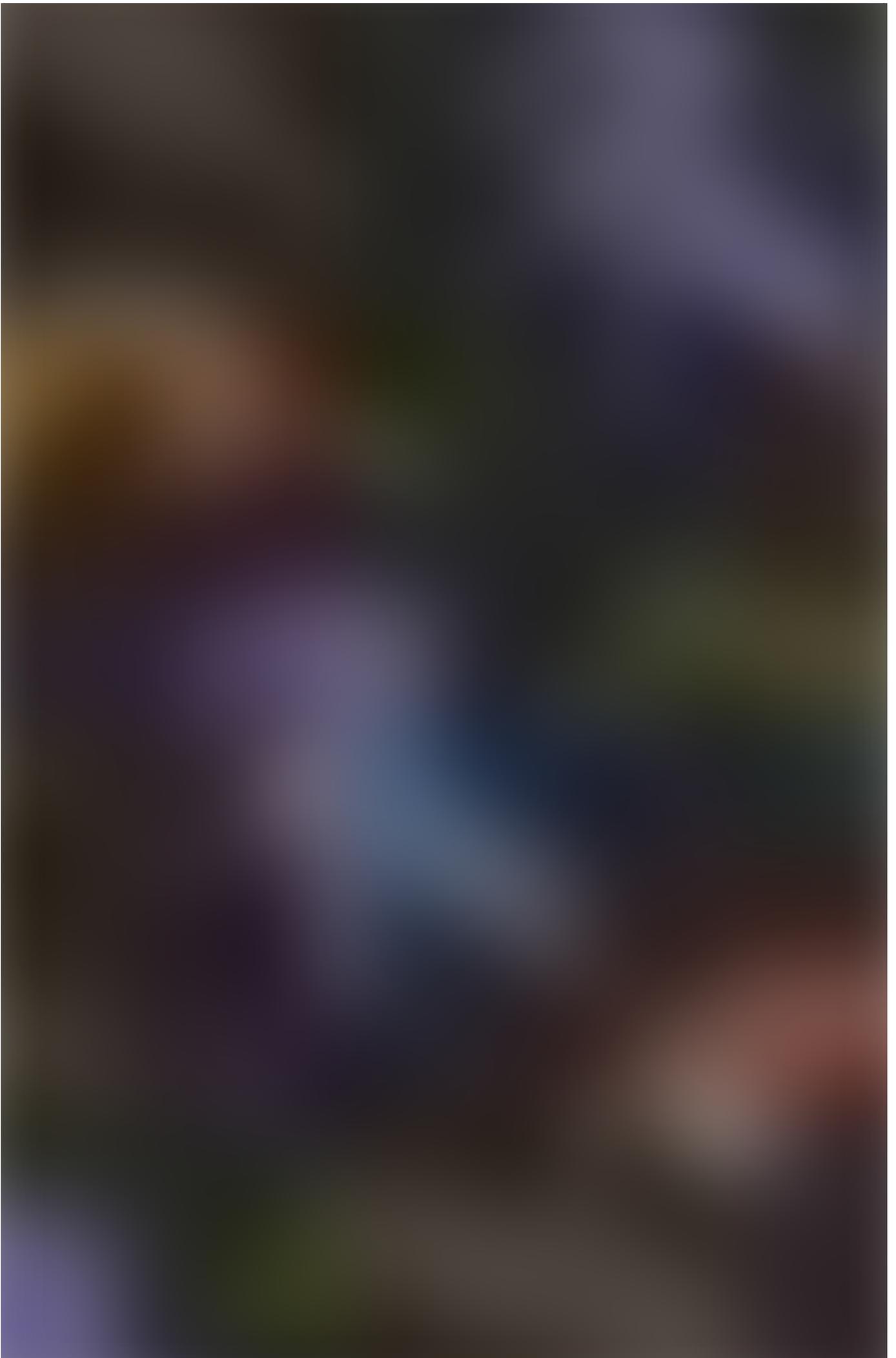
assinálável se tivermos em conta a juventude da autora, que passa ainda pela participação em colectâneas internacionais de poesia (“Il gesto della memoria”, Ibiskos Editrice di A. Risolo, Empoli, 2005; “Air, Water, Earth, Fire. The long genesis of the Elements”, Ibiskos Editrice di A. Risolo, Empoli, 2006) e pela sua participação como autora convidada do Festival Internacional de Poesia e de Literatura de Istambul, em 2017. Ou ainda pela organização do Festival Literário de Macau, do Festival Internacional de Literatura entre a China e a União Europeia em Shanghai e Suzhou (China) e pela sua ligação ao colectivo artístico internacional *Spittoon* (sediado em Pequim), uma plataforma artística que pretende unir escritores e artistas chineses e de todas as partes do mundo.

O que o percurso de Sara F. Costa evidencia é desde logo uma abertura ao mundo, uma vivência multi e intercultural (a sua residência actual em Pequim apenas o vem reforçar), que conferem à sua voz poética uma maturidade precoce e um timbre invulgares. Sara F. Costa é já uma voz autoral na poesia em língua portuguesa, uma voz autónoma que atravessou fronteiras e à qual devemos estar atentos no futuro.

A Transfiguração da Fome é um título (duplamente) enigmático que se constitui como um desafio à interpretação, desafio acentuado pelo labirinto de imagens convocadas pelo conjunto dos poemas. Todavia, título e poemas não deixam de fornecer ao leitor o fio de Ariadne para a leitura. Ou, para utilizar aqui uma metáfora mais consentânea com a modernidade de um universo poético que fala de *selfies*, de *instagram*, de *spotify* ou de *emails*, que título e poema fornecem as coordenadas GPS ao leitor.

Trans-figurar significa etimologicamente mudar a figura, a forma, o corpo. Transformar uma coisa noutra coisa, o que nos reenvia para o poder da metáfora e da linguagem, afinal a matéria de que é feita a poesia. É este processo de mutação que encontramos desde logo no *mythos*, grego ou latino, nas narrativas da origem que atravessaram os séculos e chegaram até nós, narrativas onde os corpos mudam de natureza ou de formas, se transformam em pedras, nuvens, rios, ouro, pássaros ou árvores. “*De formas mudadas em novos corpos leva-me o engenho/ a falar. Ó deuses, inspirai a minha empresa (pois vós/a mudastes também), e conduzi ininterrupto o meu canto/desde a origem primordial do mundo até aos meus dias*”, diz Ovídio logo nos primeiros versos invocatórios do Livro I de *Metamorfoses*, ao mesmo tempo que pede aos deuses inspiração para o seu canto “ininterrupto”, desde o início do mundo até aos seus (e nossos) dias. *Metamorfoses*, uma das maiores criações literárias que a cultura latina produziu, é com efeito uma sucessão de transfigurações que alimentam a nossa fome de uma qualquer ordem, natural ou divina, o nosso desejo de sentido perante a instabilidade do tempo e a violência dos dias, devolvendo-nos à nossa frágil, mutável e humana realidade.

A Transfiguração da Fome é assim um livro que faz do trabalho de transformação ou de invenção da linguagem, da palavra resgatada do uso quotidiano, o ofício e o assunto da poesia. Da poesia como expressão intelectual e artística do homem enquanto animal de linguagem ou, de modo mais preciso, desse “animal raivoso” que é o poeta no dizer de Teixeira de Pascoaes. O poeta que amarrota com mãos insatisfeitas e arroja raivosamente ao chão os papéis escritos, na sua busca permanente da palavra.



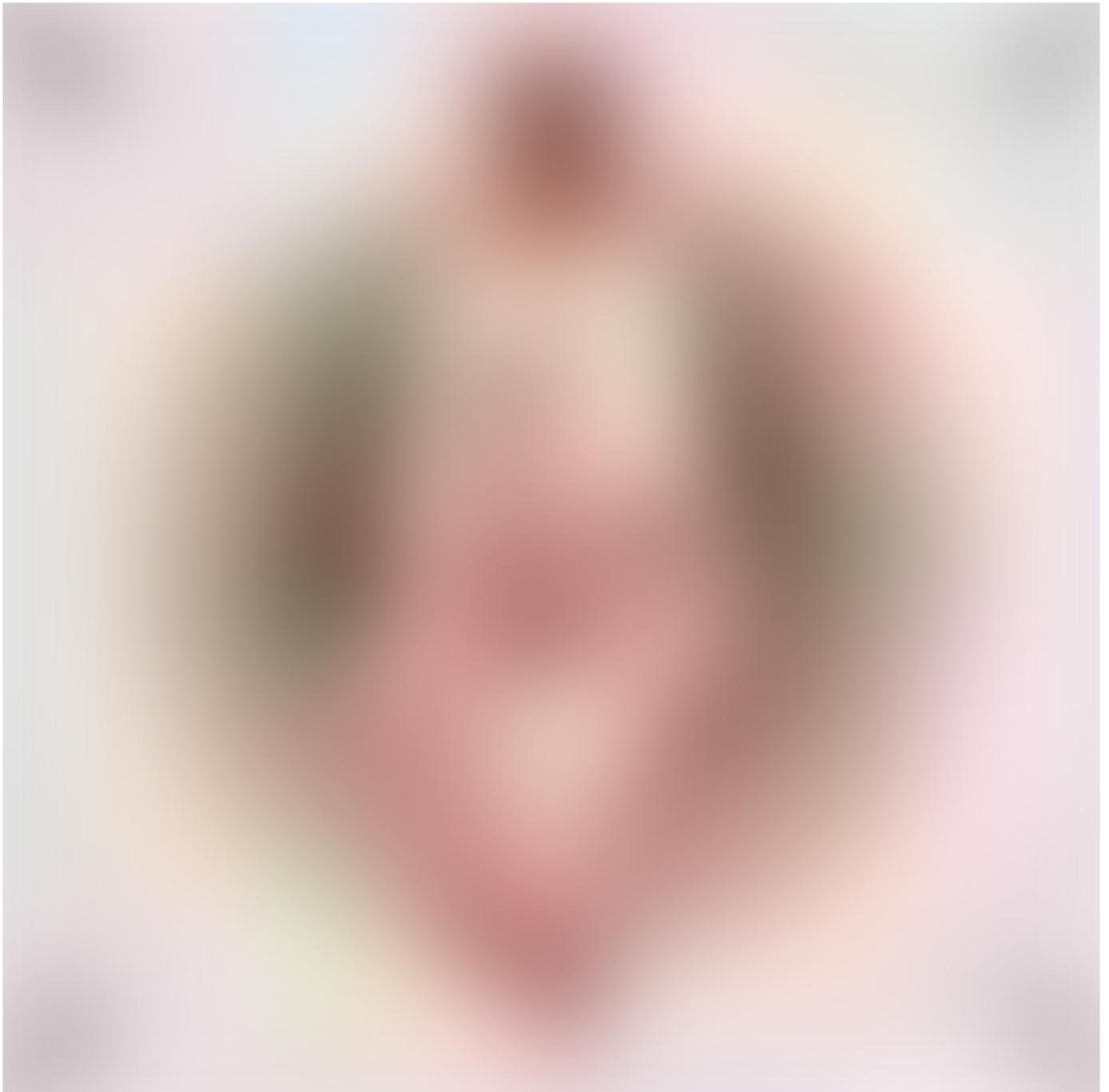
Stella Mc Cartney Monster Print

O próprio poema é um animal que respira e se move, tem fome e sede, metáfora que um poeta como António Carlos Cortez convoca, em títulos como *Animais Feridos* ou, mais recentemente, em *Jaguar*. Do mesmo que há, pronto a despertar, “um animal selvagem no fim da memória” (p. 19) do poeta. Nos poemas que compõem *A Transfiguração da Fome* há carne (corpo), sangue, sexo, sémen, desejo de procriar, de uma nova vida, de uma vida transfigurada.

Dois poemas, em particular, parecem fazer luz sobre o enigma do título. O primeiro, justamente denominado “Transfiguração da Fome”, onde a voz poética se dirige a um “tu”, dando conta do labor da escrita no corpo a corpo com a folha em branco (“*escrevo ritualisticamente sobre as omoplatas da folha, /e há estrelas de solidão entre as palavras*”), perscrutando a solidão e o fulgor que as palavras silenciam ou ocultam. O fulgor da palavra liberta da “impostura da língua” (na expressão de Maria Gabriela Llansol), a palavra poética como transfiguração da linguagem quotidiana, de um real esvaziado de sentido ou de luz, como transmutação da miséria e da fome que caracterizam os nossos dias: “*perguntas-me se confio no furor do tempo, /quando sabes que a nossa glória / não passa da transfiguração da fome*” (p.31).

O segundo poema, “Tabor”, reenvia de imediato o leitor para a montanha da Galileia onde, de acordo com o evangelho de S. Mateus, Jesus se transfigurou perante o olhar incrédulo de Pedro, Tiago e João: diz-nos o evangelho que o rosto de Jesus se tornou resplandecente como o sol e as suas vestes se tornaram brancas

como a luz. A voz poética retoma a imagem da luz para afirmar o “divino” esplendor da fantasia ou da imaginação para lá da frágil humanidade dos poetas (“*é completa a integridade da fantasia,/é amor que brilha/e prazer que sangra. o suor da miséria,/os ventos apertados/entre as pernas dos poetas.*”), ao mesmo tempo que, com a marca da auto-ironia característica desta voz, se interroga sobre quem poderá testemunhar esta transfiguração: “*a quem é que vou telefonar hoje?/Pedro, Tiago, João/a embriaguez percorre-nos as veias de prata/a música profunda/e as mãos enfiadas nas cavidades mudas.// é límpida a fome minuciosa da carne*” (p.33).



Estamos assim perante a urgência das imagens e do poder transfigurador, subversivo, da palavra liberta de uma função meramente comunicativa e referencial. Da palavra cortante como faca, urgente, da palavra-carne, da palavra-alimento, da palavra viva, sangue ou sémen, num mundo voraz e violento onde tudo é líquido, fugaz, incluindo o amor. Num mundo onde se tem fome de beleza, de afecto, de um modo de ver, de sentir (e de pensar) humanos, como de forma crua se dá a ver em *About Last Night*: “*um bass forte no club,/traz-me um gin tónico frio/para o rio/riso que palpita das paredes,/os braços vazios/ onde espero receber o amor deste senhor/que não pára de me agarrar a cintura./ (...) se me queres conhecer,/é melhor seres leão./movimento e movimento e movimento repetido/quem é que me vai tirar o vestido,/rainha da alucinação/tenho o mundo na mão/ uma tatuagem no fim das costas/à espera da tua ejaculação*” (p. 29)

A Transfiguração da Fome procura responder à interrogação de Hölderlin, formulada há quase três séculos, num mundo de onde os deuses foram proscritos e num poema cujo título (“*Pão e Vinho*”) é de algum modo um convite a saciar a fome que nos consome: “*Para que servem poetas em tempos de indigência?*” Hoje, como no tempo de Hölderlin, os poetas são a memória dos deuses, sacerdotes do deus do vinho e da desordem, guardiões da palavra e do desassossego colectivo. Servem para nos transfigurar de máquinas dóceis em humanos livres, para saciar a nossa fome de belo, de afecto ou de sentido. Servem para nos devolver um chão quando tudo ameaça ruir, para dizer a melancolia e inquietar o

pensamento. Servem para nos aproximar dos outros, de nós mesmos ou dos deuses. O poema “Se os poetas são melancólicos” configura de algum modo uma resposta à pergunta de Hölderlin: “*dá-me uma metáfora que me salve a vida*”, pede a voz poética a um “tu” que com ela escuta a canção dos dias, essa “*melodia infinita que se esvai em sangue/quando ligamos o spotify*” (p.14). Talvez a poesia, a poesia de Sara F. Costa, seja essa metáfora.

Apesar da linguagem moderna, onde o mundo digital e as novas tecnologias marcam presença em muitos dos poemas, *A Transfiguração da Fome* surge fortemente ancorada na tradição poética ocidental e, em especial, na tradição poética portuguesa com destaque para a poesia modernista, surrealista ou experimental. Não é por acaso que a epígrafe convoca os versos de Herberto Helder de “Para o leitor ler de/vagar” (poeta que Sara F. Costa confessadamente admira) ou “Lugares”, poema de abertura e pórtico do livro, é um aviso de navegação ao leitor, um guia de leitura: “o lugar deste texto é entre a insónia e Cesariny” (p.9). Modernismo, onirismo, humor e (auto)ironia cortante, cruzam-se na poesia de Sara F. Costa, deixando transparecer tanto a lição de Cesário como a desconstrução lúdica ou paródica de Adília Lopes, confirmando a íntima ligação que a escrita poética estabelece com a memória cultural e o convívio com a leitura dos poetas de todos os tempos. Todavia, em qualquer dos casos, esta relação com a tradição é sempre sujeita a mudança, subversão, transfiguração.

A Dark Spark of Light by Akis Goumas

Importará notar que *A Transfiguração da Fome* se inscreve ainda na linhagem de um Baudelaire, o poeta da modernidade que, num dos projectos de epílogo que escreveu para *As Flores do Mal*, afirmou (traduzo livremente os versos) ter “transfigurado a lama em ouro” (“j’ai pétri de la boue et j’en ai fait de l’or”). Mas também na tradição de Eliot, na sua visão desencantada da cidade (em particular, *The Love Song of J. Alfred Prufrock*) ou na concepção de poesia de um Wallace Stevens (*The Man with the Blue Guitar*), entre outros, para quem “o assunto da poesia é o próprio poema”. A poesia de Sara F. Costa não se esgota na relação que mantém com a tradição poética ocidental, antes dialoga com a concisão verbal e o fulgor imagético da tradição poética chinesa (com

incursões na imagética coreana), como testemunham vários poemas ao longo do livro (*Haiku existencial; Haiku elegíaco; Ni Hao!; Hanok; Há um templo em Busan; O Centro do Universo. “Confúcio”*, entre outros, confronta-nos com o retrato do mundo capitalista em que vivemos, imagem da solidão a que nos condena um progresso que esqueceu a lição de Confúcio: *“a solidão empurra as multidões/para dentro do metro./temos vísceras de plástico/por isso somos descartáveis./vamos causar um desastre ambientalista/em breve./ de todos os sotaques estrangeiros/temos aquele que mais se decompõe/faz-me uma massagem cómica/um relato sem ansiedade porque/hoje bebo em homenagem a Confúcio”* (p.78).

Convocando ainda outras linguagens artísticas ou as novas tecnologias, a poesia de Sara F. Costa recusa tanto o lirismo português suave, o confessionalismo romântico quanto a “poesia da experiência”, de retorno ao real e ao referente, quando não o biografismo dominante a partir dos anos 90 do século passado. Os poemas de *A Transfiguração da Carne* apresentam-nos um mundo em mudança permanente, corpos e identidades em trânsito, solidões declinadas em todas as formas de *gadgets*, modernidade *high-tech* ou de amores ocasionais, culturas e geografias em diálogo, sonhos, desejos, angústias, ilusões e desilusões, vazio, a carne do silêncio transmutando-se em palavra capaz de dizer o exílio de viver num mundo dominado pela linguagem dos mercados e do consumo. Como ironicamente nos dá conta o poema “Gosto do Iate”: *“faz-me falta o teu abraço/mas faz-me mais falta o novo modelo/ da Louis Vuitton./às vezes queria fugir/com o canalizador de tronco largo/pegar nele e levá-lo/a fumar erva numa praia da califórnia,/apanhar sol/mas depois sei que prefiro/a casa de*

três andares em Cascais". (p. 30)

Mais do que um olhar europeu ou o sentimento duma ocidental, *A Transfiguração da Fome* é uma viagem que encerra em si uma busca identitária, confirmando que “a ideia de *movimento*, deslocação, viagem e *mundo*, relativo ao espaço em que esse movimento se dá”, constituem um dos eixos temáticos estruturantes da poesia de Sara F. Costa, como sublinhou Nuno Júdice a respeito de *O Movimento Impróprio do Mundo*. Uma viagem que vai dos lugares do país ocidental que somos (Lisboa, Cascais, Furadouro) até aos lugares do oriente (China e Coreia).

A Transfiguração da Fome é um modo de olhar e de ler o Ocidente a partir do outro lado do mundo. Mesmo se o outro lado do mundo é uma “vila com mais de dez milhões de habitantes”, uma vila como Pequim, com “vidas de néon”, “respirações poluídas” e “carros e gente e bicicletas/num caos perpétuo”. O outro lado do mundo é afinal o lugar onde se descobre que “o outro lado do mundo é igual ao outro lado do mundo” ((p.71).

Poesia

Poesia Portuguesa

Sara F Costa

Medium

[About](#) [Help](#) [Legal](#)